

GRAMSCI E A FORMAÇÃO POLÍTICA DA CLASSE TRABALHADORA: A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA REVOLUÇÃO RUSSA¹

Thiago Chagas Oliveira²
Universidade Rural do Cariri URCA/CE

O estudo aqui apresentado tem como objetivo discutir o impacto da Revolução Russa na elaboração das ideias pedagógicas de Antonio Gramsci. Defendemos a tese de que a Revolução de 1917 é fundamental à compreensão de seu pensamento político-pedagógico, mormente no que diz respeito às relações entre hegemonia e educação³. As reflexões de Gramsci acerca dos desdobramentos da Revolução Russa evidenciam a importância da atividade educativo-cultural como elemento indispensável na elaboração da consciência de classe dos trabalhadores – proposição esta que não invalida a ideia mais ampla de que a formação dos trabalhadores como classe *para si* realiza-se cotidianamente na luta contra a lógica de produção e reprodução do capital.

1 A EMERSÃO DAS IDEIAS DE GRAMSCI SOBRE FORMAÇÃO POLÍTICA

A emersão das ideias de Gramsci sobre formação política pode ser compreendida a partir da inter-relação de fatores históricos e pessoais. No plano pessoal, a intensa atividade militante de Gramsci junto ao movimento operário italiano foi fundamental. Sua inserção como militante comunista no movimento operário turinense leva-o ao reconhecimento de que os partidos, sindicatos, institutos de cultura e associações proletárias, ao se colocarem como agentes responsáveis pelo desvelamento dos mecanismos de funcionamento da sociedade capitalista, desempenhariam um papel importante na formação política das massas, particularmente no que diz respeito à formação de uma subjetividade rica, atuante e classista.

Breve incursão na biografia de Gramsci revela que o início de sua militância remonta a 1911, isto é, quando ele tinha vinte anos. Data dessa época seu artigo escolar *Oprimidos e*

¹ Palestra proferida no Seminário “GRAMSCI, A REVOLUÇÃO E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI 80 anos de Antonio Gramsci e 100 anos da Revolução Russa”, no dia 01 de Setembro de 2017 na FACED, da Universidade Estadual do Ceará – Fortaleza-Ce.

² Professor de Fundamentos Econômicos da Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA). Doutor em Educação Brasileira (UFC). thiagochagas@yahoo.com.br

³ As reflexões de Gramsci sobre a Revolução Russa são indispensáveis à compreensão da célebre passagem dos *Quaderni* que trata da relação entre hegemonia e educação: “(...) a relação pedagógica não pode ser limitada às relações especificamente “escolares” (...). Esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos, entre camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos de exército” (GRAMSCI, 1975, p.1331).

Opressores, redigido, provavelmente, em novembro de 1910. Numa redação sobre colonialismo, Gramsci faz inflamada crítica aos interesses capitalistas dos países europeus em face dos povos menos desenvolvidos. Três anos após a elaboração desse texto, Gramsci estabelece os primeiros contatos com o movimento operário turinense. Nessa época, ele começa a fazer parte dos grupos de operários e estudantes que formavam a fração da esquerda revolucionária da cidade de Turim. Em 1916, já no PSI, começa a trabalhar diretamente com formação política, proferindo conferências nos círculos operários turinenses sobre Romain Rolland, Comuna de Paris, Revolução Francesa, Marx, Andrea Costa etc. Ainda nesse ano, conduz em *Il Grido del Popolo* uma campanha a favor da renovação cultural e ideológica do movimento socialista e, paralelamente, com a ajuda de um companheiro do partido, publica comentários, notícias e documentários sobre o desenvolvimento da revolução na Rússia. A inter-relação de economia com a política e a cultura constitui-se marca central do pensamento gramsciano no biênio 1917/1918.

Nesses anos, emerge com força a ideia de que a organização, a cultura e o saber são elementos indispensáveis à formação política dos trabalhadores. Num texto dessa época, Gramsci diz: “Os burgueses podem até ser ignorantes. Mas não os proletários. Os proletários têm o dever de não ser ignorantes” (2004a, p.117). No final de 1918, Gramsci propõe a criação de um instituto de cultura proletária e sustenta a noção de integrar a ação política e econômica com um organismo de atividade cultural. Como a proposta não foi acolhida no PSI, ele, juntamente com alguns jovens – Attilio Carena, Andrea Viglongo e Carlo Boccardo – funda um “Clube de vida moral”, voltado à educação política de jovens socialistas.

Em 1919, Gramsci desenvolve entre os soldados sardos da brigada Sassari, residentes temporariamente em Turim, uma eficaz propaganda socialista. Em abril de 1919, juntamente com os companheiros de partido Tasca, Terracni e Togliatti, Gramsci reparte o plano de um jornal de cultura socialista (*L'Ordine Nuovo*). A ideia inicial diz respeito à necessidade de o proletariado formular uma cultura própria, base essencial para o desenvolvimento de uma consciência revolucionária. Esta, por sua vez, deveria ser fortalecida pela aquisição de instrumentos amplos e gerais. Para Gramsci (2004a, p. 391), todos os assuntos que interessassem à luta revolucionária do movimento operário (a organização revolucionária das massas, a transferência da luta sindical do terreno estreitamente corporativista e reformista para a seara da luta revolucionária, o controle sobre a produção, a ditadura do proletariado e a questão

dos conselhos de fábrica etc.) deveriam ser apresentados no jornal, de modo que os trabalhadores pudessem criar um hábito intelectual de debate e discussão.

Em 1920, Gramsci participa ativamente da “escola de cultura”, criada em novembro de 1919 pela revista. Nela, dá algumas lições sobre a Revolução Russa. Juntamente com Piero Ciuffo, cria o círculo socialista sardo. No mês de agosto, Gramsci se separa de Togliati e Terracini e se recusa a entrar na fração comunista eleitoral da seção socialista de Turim, reunindo em torno de si um pequeno grupo chamado “Educação Comunista”, que se voltará para ações pedagógicas junto aos operários fabris. Nesse mesmo ano, em setembro, participa ativamente da célebre tentativa de ocupação das fábricas de Turim. A originalidade da reflexão de Gramsci nesse período reside em sua insistência na análise dos conselhos de fábrica como instrumentos potencialmente revolucionários, destacando-se, sobretudo, a proposição de que a classe operária precisa aprender a exercer o controle da produção de modo a subtrair dos capitalistas suas funções de poder e de controle. No início de 1921, funda, juntamente com Zino Zini e outros companheiros de partido (agora Partido Comunista da Itália), o Instituto de Cultura Proletária, seção do *Prolekult* de Moscou.

Ressalte-se que, em 1922, com a chegada dos fascistas ao poder, as atividades de formação política diminuem, mas não desaparecem. Numa carta ao comitê executivo do partido, Gramsci comunica entusiasmadamente a decisão do executivo do PCd’I de publicar um novo cotidiano operário. Em 1924, projeta fundar uma revista trimestral de estudos marxistas e de cultura política, com o título “Crítica Proletária”, que se constitui uma nova série de “*L’Ordine Nuovo*”. Propõe, ainda, a criação de uma antologia dos escritos de Marx e Engels sobre o materialismo histórico. Nesse mesmo ano, Gramsci lança em Roma o primeiro número do quinzenal “*L’Ordine Nuovo. Resenha de política e de cultura operária*”, no qual se lê na primeira capa: “*L’Ordine Nuovo* propõe suscitar nas massas operárias e camponesas uma vanguarda revolucionária capaz de criar o Estado dos conselhos dos operários e camponeses assim como criar as condições para o advento e estabilidade da sociedade comunista”.

Em 1925, num momento de ascensão do fascismo, Gramsci colabora na criação de uma escola de partido, cujas atividades formativas se desenvolviam por correspondência. Viaja a Moscou para participar dos trabalhos da V Sessão do Executivo Ampliado da Internacional Comunista (21 de março – 6 de abril) e, lá, intervém nos trabalhos de agitação e propaganda.

Em abril, sai dois fascículos da escola de partido. Em 1926, já no cárcere, Gramsci organiza uma escola para prisioneiros, ficando responsável pelos estudos histórico-literários.

No terreno histórico, os eventos que marcaram a Itália e o mundo no período que vai do final do século XIX ao início do século XX foram decisivas para a emergência de Gramsci na problemática de formação política da classe trabalhadora conforme se pode constatar nos textos que abrem o período que vai de 1916 a 1920. A Itália, que entrou na guerra em 1915⁴, saiu dela politicamente arrasada. Fora a anexação de Trieste, Trentino e Ístria pelo tratado de *Saint-Germain*⁵, não conseguiu mais nada. Do ponto de vista econômico, contudo, a guerra realizou uma verdadeira revolução industrial no País, pois: (i) possibilitou, pela exacerbação do protecionismo – uma das características centrais do *risorgimento*, a acumulação de capitais em condições monopólicas; (ii) ampliou a extração de mais-valia; (iii) forneceu condições propícias para os industriais ampliarem a estrutura básica da desigualdade e da exploração (DIAS, 2000, p.66).

Em Turim, a falta gêneros de primeira necessidade, juntamente com o aumento do número de mendigos, órfãos e soldados mutilados, não tardou para originar uma situação social explosiva⁶, com agitação das massas, sobretudo pela ideia amplamente difundida no seio da classe operária de “fazer como na Rússia” (DIAS, 2000, p.252). O proletariado europeu vislumbrou na Revolução de 1917 um modelo historicamente realizado de uma sociedade capaz de liquidar a opressão e a miséria. Este, seguramente, transformou a psicologia da classe trabalhadora, injetou novo ânimo em seus partidos e sindicatos, abalou a burguesia mundial, bem como contribuiu de forma decisiva para o fim da I Guerra Mundial. Seus efeitos, portanto, são fundamentais para a elaboração do *corpus* teórico gramsciano. Ademais, e isso é de fundamental importância, a atuação dos bolcheviques contribuiu enormemente para corroborar a crítica gramsciana à interpretação mecanicista e positivista do pensamento de Marx.

⁴ Inicialmente, a Itália entrou na Guerra ao lado da Áustria e Alemanha (Tríplice Aliança). Em 1915, todavia, ela se alia à Tríplice Entente, formada inicialmente pela Grã Bretanha, Rússia e França. Pouco tempo depois, os seguintes países passam a fazer parte da Entente: Sérvia, Bélgica, Japão (1914), Romênia (1916), Grécia e Estados Unidos (1917).

⁵ O tratado de *Saint-Germain* faz parte dos tratados complementares ao Tratado de Versalhes (tratado que regulamentava as questões territoriais, militares e financeiras referentes aos países derrotados na I Guerra Mundial).

⁶ Os dados mostram que, de julho de 1914 a fevereiro de 1917, o custo de vida na cidade subiu 58,69%. Em 1914, bastavam 20,84 liras para uma família comer; em 1917, esse valor passa para 39,50. Para maiores informações, não deixar de ver Dias (2000, p.251 – 255).

1.1 A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA REVOLUÇÃO RUSSA

Textos como *Notas sobre a Revolução Russa*, *Os maximalistas russos*, *O Relojoeiro*, *A Rússia é socialista*, *A situação política na Rússia*⁷ revelam a atenção de Gramsci sobre os primeiros acontecimentos revolucionários na Rússia. A análise desses escritos revela que, desde o início, Gramsci concebe a Revolução de 1917 como socialista, pois sua concretização histórica, pelo menos em sua primeira fase, foi baseada em um programa universal “capaz de mobilizar todas as consciências, e não na dominação da sociedade por uma minoria, dotada de programas particularistas.” (DIAS, 2000, p.81). Ressalte-se, todavia, que o vislumbre inicial de Gramsci não o impediu de manter uma posição crítica com relação ao seu desenvolvimento posterior, mormente no que diz respeito à fase stalinista⁸.

Nos escritos de 1917, a análise mais original de Gramsci acerca da revolução bolchevique aparece no artigo *Revolução contra O Capital*. O polêmico título decorre do fato de que, na Rússia, paradoxalmente, *O Capital*, de Marx, era muito mais o livro dos burgueses do que dos proletários, pois sua utilização era invocada para demonstrar que a Revolução propugnada pelos bolcheviques não era possível. Para os reformistas russos (mencheviques), os problemas advindos da queda do czarismo deveriam ser resolvidos pela burguesia, pois esta criaria as condições de desenvolvimento das forças produtivas, de modo a tornar possível, no futuro, a sociedade socialista. Nessa perspectiva, a revolução deveria ser adiada em nome de uma evolução histórica prevista pelas “leis científicas” que apontavam inexoravelmente para o socialismo (DIAS, 2000, p.83). Na crítica à interpretação dogmática e sectária do pensamento de Marx, Gramsci diz:

Marx previu o previsível. Não podia prever a guerra europeia, ou, melhor, não podia prever que essa guerra teria a duração e os efeitos que teve. Não podia prever que essa guerra, em três anos de indizíveis sofrimentos, de indizíveis misérias, criaria na Rússia a vontade coletiva popular que criou. (GRAMSCI, 2004c, p.157).

E, enfatizando o caráter de classe da Revolução Russa, destaca como os antagonismos entre os interesses do proletariado e da burguesia se constituem o motor da história,

⁷ Todos esses textos foram publicados em “Il Grido del Popolo” de abril a novembro de 1917. In: Gramsci (2004a, p.100 – 117).

⁸ Para uma análise dos posicionamentos de Gramsci com relação ao stalinismo, não deixar de ver: Schlesener (2005, p.71 – 159).

é através da luta de classe cada vez mais intensa que as duas classes do mundo capitalista criam a história. O proletariado sente sua atual miséria, está em permanente estado de mal-estar e pressiona a burguesia para melhorar suas próprias condições. Luta, obriga a burguesia a melhorar a técnica da produção, a tornar a produção mais *útil para* que seja possível a satisfação de suas necessidades mais urgentes. É uma difícil corrida para o melhor, que acelera o ritmo da produção, que aumenta continuamente a soma dos bens que servirão à coletividade. E, nessa corrida, muitos caem, tornando mais urgente o desejo dos que restam; e a massa está sempre em sobressalto, passando cada vez mais de caos-povo a pensamento organizado, tornando-se cada vez mais consciente do próprio poder, da própria capacidade de assumir a responsabilidade social, de converter-se em árbitro do próprio destino. (Op.cit, p.157-168).

Em acordo com as ideias de Marx e Engels (1998b), em *O Manifesto Comunista*, Gramsci reconhece que o desenvolvimento da indústria possibilita não só o crescimento quantitativo do proletariado, mas também oferece condições históricas ideais para o reconhecimento dos trabalhadores como participantes de uma mesma classe. Isto acontece porque as condições de vida a que os trabalhadores estão reduzidos levam-nos a se igualarem cada vez mais em torno de interesses e aspirações comuns⁹.

Gramsci lembra que foram os efeitos nefastos advindos da participação da Rússia na guerra – produto histórico brutal da luta de classes – que serviram como elementos pré-revolucionários, na medida em que contribuíram para organizar a vontade coletiva do povo russo. A esse respeito, ressaltamos que, antes mesmo da entrada da Rússia na Guerra, as condições de vida do povo russo eram muito difíceis. A massa camponesa vivia sob um regime de escravidão pelos grandes senhores de terra e as massas urbanas eram submetidas a uma intensa exploração da força de trabalho. A falta de alimentos provocada pela guerra piorou essas condições e levou grande parte da população à miséria e à morte¹⁰.

Além das condições objetivas de miséria e penúria do povo russo, que foram decisivas para o desencadeamento da Revolução, Gramsci destaca a importância do trabalho de formação política desenvolvido pelos bolcheviques na organização e “homogeneização” ideológica da classe trabalhadora. Na sua compreensão, os bolcheviques deram um passo decisivo em direção à elevação cultural, espiritual e intelectual das massas a partir do momento em que se

⁹ Em *A miséria da Filosofia*, Marx (2001, p.109 – 111) demonstrou que o antagonismo de interesses entre capital e trabalho cria condições objetivas para que o proletariado reconheça seu poder e sua capacidade para assumir a gestão do processo histórico.

¹⁰ Segundo Reis Filho (1999, p.40): “Em 1917 a Rússia apresentava o quadro mais sombrio entre as potências engajadas no conflito: 5,5 milhões de soldados, entre mortos, desaparecidos, feridos e prisioneiros”.

momento em que se esforçaram para criar as condições subjetivas necessárias a desenvolvimento da práxis revolucionária.

A pregação socialista criou a vontade social do povo russo. Por que deveria ele esperar que a história da Inglaterra se repetisse na Rússia, que na Rússia se formasse uma burguesia, que a luta de classes fosse criada para que nascesse a consciência de classe e, finalmente, a catástrofe do mundo capitalista? (GRAMSCI, 2004c, p.158).

Para além do economicismo da II Internacional, que estabelecia uma relação mecânica entre estrutura e superestrutura, Gramsci assinala que não são os

[...] fatos econômicos, brutos, mas o homem, a sociedade dos homens, dos homens que se aproximam uns dos outros, entendem-se entre si, desenvolvem através destes contatos (civilização) uma vontade social, coletiva, e compreendem os fatos econômicos, e os julgam, e os adequam à sua vontade, até que essa vontade se torne o motor da economia, a plasmadora da realidade objetiva, a qual vive, e se move, e adquire o caráter de matéria telúrica em ebulição, que pode ser dirigida para onde a vontade quiser, do modo como a vontade quiser. (GRAMSCI, 2004c, p.156)

A ênfase de Gramsci na importância de criação de uma vontade racional não arbitrária, como elemento fundamental à ação revolucionária, não significa, todavia, anulação da relação dialética entre estrutura (forças produtivas) e superestrutura (a política, a cultura etc.), mas demonstração de que o trabalho tenaz e cotidiano de formação política das massas assume papel importante naquilo que ele chamou, em *L'Ordine Nuovo*, de “preparação espiritual da revolução socialista”. Na análise gramsciana, o cuidado dos revolucionários no sentido de impedir a cristalização de uma concepção e de uma ação que se reduzisse à resolução dos problemas mais imediatos (fase econômico-corporativo) levou à formação de grupos de intelectuais que trabalhavam com as massas no sentido de formá-las politicamente. Nos textos sobre a Revolução Russa, Gramsci caracteriza-os como motores do processo revolucionário. Mediante suas atividades, “a revolução não para, não fecha o seu ciclo.” (2004a, p.104-105).

Para Gramsci, dar importância às ações pedagógicas junto às massas não enfraquece a noção de que a formação política proletária se realiza, fundamentalmente, na luta contra o capital. De fato, o desenvolvimento e a concretização dos eventos revolucionários de 1917 é que contribuíram para elevar a consciência política das massas. Ao transferir para a classe trabalhadora a direção do mecanismo governamental, a Revolução Russa deu às massas a consciência de sua força histórica. A originalidade da reflexão gramsciana reside em mostrar

que, ao fazer com que todas as dimensões da vida se tornassem revolucionária (substituição de pensamentos, hábitos, valores e atitudes), ela não foi apenas um evento econômico-político, mas, também, cultural. Eis por que, para Gramsci, a revolução socialista deve ser compreendida em duas dimensões dialeticamente relacionadas: tanto como um movimento de força para instituir uma nova ordem social, quanto como um movimento radical de mudanças dos costumes, valores, hábitos e atitudes (SCHLESENER, 2005, p.35).

Os eventos ocorridos na Rússia demonstram praticamente a importância da formação política proletária como dimensão constitutiva indispensável na preparação e desenvolvimento da revolução socialista. Os desdobramentos iniciais da Revolução Russa fornecem um exemplo histórico fundamental para a ideia de que os trabalhadores se formam politicamente quando participam ativamente da luta em prol do socialismo e que tal fim pode e deve ser potencializado com ações formativas complementares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os escritos gramscianos que vão de 1916 a 1920 são profundamente marcados pela conjuntura mundial do primeiro quartel do século XX. Eles, de certa forma, sintetizam os problemas, as dúvidas, os anseios e as esperanças do movimento operário no período revolucionário desencadeado com a I Guerra Mundial. Nos textos deste período, Gramsci assinala que, embora o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas tenha contribuído para criar um estado comum de miséria, penúria e exploração, o trabalho educativo-cultural de elevação da consciência política das massas é absolutamente fundamental ao desenvolvimento e à sedimentação da consciência de classe dos trabalhadores; conceito que nesta época é definido como o reconhecimento, por parte deles, de seu devir histórico e dos objetivos a serem alcançados com a luta revolucionária.

Delineiam-se nesses escritos duas teses fundamentais que marcam todo o *corpus* teórico gramsciano. A primeira diz respeito à recusa acerca da noção de que a agudeza das contradições do capitalismo leva inexoravelmente ao socialismo. A crítica de Gramsci à interpretação de Marx que era feita pela II Internacional e pelos socialistas positivistas o conduz a refutar a ideia de que o socialismo é um produto mecânico do desenvolvimento histórico. Tal atitude em face do pensamento marxiano foi fundamental para o recobro da subjetividade na elaboração histórica e, portanto, para a valorização do papel que uma consciência crítica, combativa e

classista assume na concretização do quefazer revolucionário. A segunda refere-se à defesa intransigente de que a luta de classes não é apenas uma luta econômica, mas, também, cultural. As reflexões de Gramsci acerca dos desdobramentos da I Guerra Mundial e da Revolução Russa evidenciam a importância da atividade educativo-cultural como elemento indispensável na elaboração da consciência de classe dos trabalhadores – proposição esta que não invalida a noção mais ampla de que a formação dos trabalhadores como classe *para si* realiza-se cotidianamente na luta contra a lógica de produção e reprodução do capital.

A análise dos escritos pré-carcerários indica que o conceito de formação política é concebido, basicamente, a partir de dois ângulos inter-relacionados. Tendo como referência histórica a Revolução Francesa e a Revolução Russa, Gramsci mostra que os indivíduos iniciam sua formação política quando, ao lutar contra as condições de alienação em que estão inseridos, passam a se reconhecer como sujeitos pertencentes a uma das duas forças hegemônicas. No cárcere, Gramsci retoma essa problemática e assevera o caráter processual, dinâmico e contraditório do movimento político-prático da conquista da consciência de classe pelo operariado, observando que a “consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam.” (1975, p.1385).

BIBLIOGRAFIA

CAPRIOGLIO, Sergio. *Cronologia della vita di Antonio Gramsci (dalla nascita all'aprile 1919)*. In: GRAMSCI, Antonio. *Cronache Torinesi*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1980.

DIAS, Edmundo. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.

_____. *Do Giolitismo à Guerra Mundial*. Campinas: IFCH, 2004a.

_____. *Do Pós-Guerra à Fundação do PCD'I*. Campinas: IFCH, 2004b.

D'ORSI, Ângelo. Antonio Gramsci e la sua Torino (Introduzione). In: GRAMSCI, Antonio. *La Nostra città futura. Scritti torinesi (1911 – 1922)*. Roma: Carocci Editore, 2004.

DUARTE, José Ferreira. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Democracia Operária e outros textos*. Lisboa: Ulmiero, 1976.

FIORI, Giuseppe. *Vida de Antonio Gramsci*. Traducción de Jordi Solé-Tura. Barcelona: Ediciones Península: 1976.

GERRATANA, Valentino. Cronologia della vita di Antonio Gramsci. In: GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Torino: Nuova Universale Einaudi, 1975 (Edizione critica dell'Istituto Gramsci di Valentino Gerratana)

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Torino: Nuova Universale Einaudi, 1975 (Edizione critica dell'Istituto Gramsci di Valentino Gerratana)

_____. *Cronache Torinesi (1913 – 1917)*. Torino: Einaudi, 1980. (A cura di Sergio Caprioglio).

_____. *Escritos Políticos (1910 – 1920)*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

_____. *Escritos Políticos (1921 – 1926)*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.

_____. *La Nostra Città Futura. Scritti Torinensi (1911 – 1922)*. Roma: Carocci, 2004c (A cura di Angelo d'Orsi.).

MARX, Karl. *Miséria da Filosofia: resposta à filosofia da miséria do senhor Proudhon*. Tradução de Paulo Ferreira Leite. São Paulo: Centauro, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Tradução Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998b.

NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

REIS FILHO, Daniel A. *A Revolução Russa (1917 – 1921)*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SCHLESENER, Anita Helena. *Antonio Gramsci e a política italiana: pensamento, polêmicas, interpretação*. Curitiba: UTP, 2005.

SPRIANO, Paolo. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Escritos políticos (vol.1)*. Tradução de Manuel Simões. Lisboa: Seara Nova, 1976.

Recebido em 11 de setembro de 2018

Aprovado em 29 de setembro de 2018

Editado em 22 de dezembro de 2018